

# AGRICULTURA CAMPONESA NO ASSENTAMENTO LAGOA DO MINEIRO EM ITAREMA – CE

Fábio da Silva Oliveira<sup>1</sup>

[fabiosoliveira2010@hotmail.com](mailto:fabiosoliveira2010@hotmail.com)

Marize Luciano Vital Monteiro de Oliveira<sup>2</sup>

[marizevital@gmail.com](mailto:marizevital@gmail.com)

## Resumo

O presente trabalho faz parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida desde fevereiro de 2015 com o Projeto de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – MAG/UVA. Nossa tentativa é sistematizar um pensamento a partir do que conseguimos apreender sobre o Assentamento de Reforma Agrária Lagoa do Mineiro, em Itarema, Ceará, a partir da organização da produção agrícola, no sentido de compreender as formas de resistências nos territórios da agricultura familiar camponesa, onde prevalece o trabalho fora da lógica capitalista, na produção de alimentos saudáveis e ausência de agrotóxicos e de sementes geneticamente modificadas, com o controle da produção tanto para o consumo das famílias quanto para a comercialização parcial, além de ressaltar as relações de parceria e cooperação entre os assentados.

**Palavras chave:** Assentamento, Produção, Agricultura Camponesa.

## Introdução

A pesquisa que vem sendo desenvolvida desde fevereiro de 2015, a partir do ingresso no Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – MAG/UVA, tem como objeto de estudo o Assentamento de Reforma Agrária Lagoa do Mineiro em Itarema-CE.

O Assentamento Lagoa do Mineiro está localizado a leste do município de Itarema, distante 22 km da sede do município que está a uma distância de 214 km da capital, Fortaleza. O assentamento tem uma população estimada em 1.518 habitantes distribuídos em sete comunidades: Barbosa, Cedro, Corrente, Córrego das Moças, Lagoa do Mineiro, Mineiro Velho e Saguim.

O total de famílias do Assentamento é 215, divididas entre assentados e agregados. O número de famílias assentadas é de 125, desde a determinação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Após a emissão de posse, em 1986, com o surgimento de novas famílias – geralmente filhos (as), netos (as), sobrinhos (as) e parentes mais próximos, geraram-se as

---

<sup>1</sup> Estudante do Programa Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: [fabiosoliveira2010@hotmail.com](mailto:fabiosoliveira2010@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Curso de Geografia – CCH-UVA. E-mail: [marizevital@gmail.com](mailto:marizevital@gmail.com)

famílias agregadas, totalizando hoje noventa famílias, segundo os dados do Projeto Político Pedagógico da Escola de Ensino Médio Francisco Araújo Barros.

Nesse contexto, buscaremos analisar a produção agrícola através da agricultura familiar camponesa nas sete comunidades do Assentamento Lagoa do Mineiro: desde os tipos de produtos produzidos, o consumo e a comercialização, destacando a organização familiar e a organização coletiva dos assentados dentro do território.

A estrutura fundiária desigual no Brasil, fruto da exploração e das contradições sociais existentes desde a colonização, deixou várias sequelas sociais. A modernização e dinamização do capital fizeram com que a luta pela terra e por reforma agrária se tornasse atualmente um confronto complexo, em que as oligarquias agrárias locais, associadas ao capital financeiro internacional, tem a posse de grande parte das terras brasileiras e ditam a dinâmica do trabalho e da produção no campo.

Sendo assim, movimentos de resistência dos que sempre foram explorados e expropriados lutam para conquistar seu território e poder trabalhar e produzir dignamente fora da lógica capitalista. O Assentamento Lagoa do Mineiro, segundo a tipologia dada por Fernandes (2008), é considerado uma “fração do território dentro do território capitalista”, no qual vão apresentar “conflitualidade existente entre o campesinato e o agronegócio que disputam territórios”.

Após três décadas da conquista dessa fração do território, podemos perceber que a organização coletiva dos assentados, vinculados ao maior movimento sócio-territorial da América Latina, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), é um exemplo de trabalho e produção coletivos que merece destaque, no sentido que, com a flexibilização do capital, cada vez mais a sociedade se fragmenta e se individualiza para obter os lucros, muitas vezes não alcançáveis para a classe trabalhadora e, ao se referendar o assentamento já enunciado, a organização coletiva é um forte instrumento para resistir e garantir dignidade no campo.

## **Metodologia**

A pesquisa que vem sendo desenvolvida tem uma abordagem qualitativa. A busca pelo entendimento da dinâmica do trabalho e da produção dos assentados se dá através de um processo histórico daquele território e dos sujeitos envolvidos.

O envolvimento com os sujeitos do campo do Assentamento Lagoa do Mineiro começou em 2013, ainda como bolsista do PROEXT/UVA, e continuou após o ingresso no Mestrado em Geografia em 2015. Os encontros de educadores, semanas pedagógicas e visitas de campo na EEMFAB nos deram a possibilidade da observação sistemática de uma fração da realidade que conseguimos captar.

A literatura que aborda as questões sociais do campo, como os conflitos existentes, as formas de resistência, o trabalho, a cultura e a luta social, nos ajuda a compreender as formas de organização do trabalho e da produção pelos assentados. Para tentar entender o campo empírico, alguns autores que tratam sobre a questão nos ajudam a desvelar a realidade e sistematizar um pensamento crítico sobre ela. No entendimento sobre território camponês, agricultura camponesa, trabalho e produção no campo, Carvalho e Costa (2012), Costa (2000), Cleps Junior (2010), Christoffoli (2012) Fernandes (2008) e Saquet (2015) nos deram suporte para entender a nova dinâmica do campo, a resistência camponesa e as formas de trabalho dentro do Assentamento Lagoa do Mineiro.

Na pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os assentados. Foi feito um levantamento situacional do assentamento em julho de 2016 com 86 das 215 famílias, em que se destacam as formas de trabalho no assentamento, as atividades agrícolas e os principais produtos, e a comercialização, assim como tivemos conversas informais com os assentados que contribuíram para compreender as formas de organização do assentamento.

## **Resultados e Discussões**

O Assentamento Lagoa do Mineiro, ao longo de sua história, vem demonstrando experiências voltadas para o cooperativismo. O trabalho baseado no campesinato é uma das formas de resistência que os sujeitos encontraram para resguardar seu território da ofensiva capitalista.

Mais do que uma forma de produzir o trabalho no campo, confunde-se com a vida de cada camponês: a agricultura camponesa é uma demarcação territorial que tem nas vivências a produção e reprodução da vida, indo contra a lógica do capital que visa apenas ao lucro.

As unidades de produção camponesas, ao terem como centralidade a reprodução social dos seus trabalhadores diretos, que são os próprios membros da família, apresentam uma racionalidade distinta daquela das empresas capitalistas, que se baseiam no assalariamento para a obtenção de lucro (CARVALHO & COSTA, 2012, p 26).

No levantamento feito com 86 das 215 famílias assentadas e agregadas do Assentamento Lagoa do Mineiro, foi observado que 97% ainda resistem no trabalho com agricultura familiar camponesa, em que produzem feijão, milho, mandioca, frutas e hortaliças nas suas áreas particulares, prevalecendo o trabalho de toda a família na lida diária. Em relação à pecuária, 61% das famílias trabalham na criação de animais, como bovinos, suínos, ovinos e aves.

Na produção da agricultura familiar camponesa do assentamento, 52% utilizam de adubos orgânicos e máquinas de pequeno porte, como o trator da cooperativa para arar a terra; 43% das famílias utilizam apenas os adubos orgânicos e sem o uso da máquina; e os 5% restantes não usam nem adubos nem máquinas para a sua produção.

O destino da produção camponesa, segundo os dados obtidos, indica que 76% das famílias consomem o que produzem e comercializam o excedente para adquirir outros produtos que não são produzidos na agricultura familiar; 24% apenas consome o que produz sem vender o excedente; nenhum camponês trabalha para vender totalmente sua produção, caracterizando assim o trabalho na agricultura familiar camponesa como aquele que visa à soberania alimentar das famílias assentadas e à manutenção da vida no campo, sem que sua produção se destine apenas para o comércio.

O trabalho coletivo dos assentados é realizado em torno de duas culturas fortes no ambiente do Assentamento Lagoa do Mineiro, que se localiza próximo ao litoral: as culturas do coco e do caju. A área coletiva do assentamento é de 405 hectares. Desta, 50 hectares foram destinados à produção de coco e 15 hectares destinados à produção do caju. De acordo com os dados pesquisados junto a Associação de Cooperação Agrícola do Estado do Ceará (ACACE), que presta assistência técnica ao assentamento, a produção do coco em 2015 foi 700kg/há e do caju foi de 350/há, indicando que todas as famílias assentadas participaram da produção tirando um dia de trabalho coletivo do assentamento.

A comercialização pela Cooperativa e pela Associação acontece da seguinte forma: alguns dos produtos são vendidos de forma direta para o consumidor final, porém a figura do atravessador ainda é muito presente nos assentamentos. No caso do coco (seco e in natura), a compra em grandes quantidades se destina à comercialização/distribuição em cidades turísticas do litoral do estado, na região e até mesmo cidades do sudeste do Brasil, valorizando o valor real do produto. Todos os outros produtos, além de serem vendidos ao consumidor final, na sua grande maioria passam pela mão do atravessador. São eles caju, castanha, farinha branca, farinha amarela (d'água) e goma.

## **Considerações Finais**

Através das constatações preliminares que vêm se desencadeando com o andamento da pesquisa, podemos perceber que o campesinato ainda resiste apesar da ofensiva do capitalismo no campo que visa tornar o camponês um assalariado do agronegócio ou, no máximo, torná-lo pequeno produtor familiar na lógica capitalista, na qual toda dinâmica leva ao agronegócio através dos insumos, como o uso de agrotóxicos, pesticidas, fungicidas, sementes geneticamente modificadas, entre outros.

Os investimentos ainda muito escassos através do Estado, a necessidade de assistência técnica, pesquisas científicas, políticas públicas que realmente atendam ao interesse da classe trabalhadora que vive no campo são alguns são entraves que dificultam ao campesinato colocar comida saudável na mesa dos brasileiros e gerar renda para o campo. Apesar de todas as

adversidades, os trabalhadores do campo, de forma bastante tenaz, têm mostrado como há possibilidades de trabalho e renda de forma digna no campo.

## **REFERÊNCIAS**

CARVALHO, Horacio Martins de; COSTA, Francisco de Assis. Agricultura Camponesa In: Roseli Salette Caldart; Isabel Brasil Pereira; Paulo Alentejano; Gaudêncio Frigotto. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. 1ªed. SÃO PAULO: EXPRESSÃO POPULAR, 2012.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. Cooperação Agrícola. In: Roseli Salette Caldart; Isabel Brasil Pereira; Paulo Alentejano; Gaudêncio Frigotto. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. 1ªed. SÃO PAULO: EXPRESSÃO POPULAR, 2012.

CLEPS JUNIOR, J. Questão Agrária, Estado e Territórios em Disputa. In: Marcos Aurélio Saquet, Roseli Alves dos Santos. (Org.). **Geografia Agrária, território e desenvolvimento**. 1ed. São Paulo, São Paulo: Expressão Popular, 2010, v. 1, p. 35-54.

COSTA, F. A. **Formação agropecuária da Amazônia**: os desafios do desenvolvimento sustentável. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do território. *In*: **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p 273-301.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Savério (org). **Território e Territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 2º ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.